



A VEZ DOS “MANOS”

A IMPORTÂNCIA DO GRUPO DE RAP
PAULISTANO RACIONAIS MC'S PARA A
MÚSICA POPULAR “PRETA” BRASILEIRA

TERESA MONTEIRO

Analisar a situação do movimento Hip Hop¹ torna-se, de certa forma, uma atividade complexa, já que atualmente este deixou, definitivamente, de ter um sentido estritamente musical, assumindo, portanto, a conotação de comunidade. Do bairro do Bronx, em Nova Iorque – lugar onde iniciou a então “cultura dos guetos” – às diversas “quebradas”² do país, esteve aliado à discussão dos direitos humanos, época esta de líderes como Martin Luther King e Malcolm X, e grupos como o Black Panthers (Panteras Negras)³.

Este bairro em NY foi, sem dúvida, um dos pontos fortes para a sua origem. Lá residia a maioria dos negros da capital americana e as condições de vida, além de desiguais e de alimentarem uma crescente segregação racial, deram origem aos primeiros bailes feitos por adolescentes em ruas do gueto, visando o lazer das camadas mais

jovens e sem perspectivas.

Transformando a cada dia o movimento em espécie de “revolução”, os adeptos do Hip Hop trabalham com a militância e, principalmente, a valorização da auto-estima do negro. Estes são apenas alguns dos tantos temas abordados nas letras por grupos que, mirando-se na extrema violência por que passam, traduzem em forma de versos turbinados todo o seu repúdio às injustiças e mazelas sociais.

O grupo de rap americano Public Enemy (lembrem-se da trilha sonora do filme *Faça a Coisa Certa*, de Spike Ley. A música é *Fight the Power* - Combata o Poder) e artistas do porte de Isaac Hayes, Grandmaster Flash e o lendário Afrika Bambaataa são tidos como referência para a continuidade do Hip Hop feito lá fora. Já no Brasil, o rapper Thaide (da dupla Thaide & DJ Hum) e o b.boy

(dançarino de *break*) pernambucano Nelson Triunfo iniciaram essa dura trajetória em lugares como o largo São Bento e a Rua 24 de Maio, ambos em São Paulo. As equipes de som determinavam o tom dos bailes *blacks* com muita música e concursos de rap e *break*⁴.

Um dos exemplos mais fortes e expressivos no atual cenário da música “preta” brasileira trata-se de um grupo que traz na dureza e agressividade sua marca registrada. O grupo de rap paulistano *Racionais MC's* faz parte da segunda geração de rappers do Brasil, após o já dito Thaide e os grupos *MC/DJ Jack*, *Os Gêmeos*, *Os Metralhas*, entre outros.

Nascidos e criados numa das periferias mais violentas do mundo, os quatro integrantes do grupo – Mano Brown e Ice Blue (zona sul da Grande São Paulo) e Edy Rock e KL Jay (zona norte) – sa-

A AUTORA É JORNALISTA. BACHAREL EM
COMUNICAÇÃO SOCIAL PELA UFC.

bem perfeitamente o que é conviver diariamente com a alta criminalidade, presença das drogas (e seu conseqüente tráfico) e atuação da polícia, além das necessidades básicas como saneamento, moradia e infra-estrutura.

O encontro deu-se num miniestúdio quando ainda eram duplas. A época era por volta do final dos anos 80. Com o nome prontamente escolhido, o grupo começou a fazer bailes com a gravadora **Zimbabwe** (do proprietário Wiliam Carlos Santiago). Após cinco discos, atualmente estão em fase de gravação de um novo, com lançamento previsto ainda para este ano.

A região do Capão Redondo, por exemplo, sempre tem a presença marcada em listas relacionadas à violência e aos homicídios. Trata-se de uma região situada ao sul da Grande São Paulo, tendo como vizinhos Jardim São Luís, Campo Limpo e Vila Ângela. Os bairros paulistanos aparecem entre os mais violentos do mundo. Os da zona sul freqüentemente atingem as primeiras colocações do ranking.

Algumas causas da violência se expressam fora do âmbito das próprias favelas e periferias que têm no medo um elemento intrínseco do nosso cotidiano, principalmente nas chamadas áreas concentradoras de pobreza. A esta violência presente nas míseras condições ambientais e urbanas de vida, aliam-se também a convivência com a execução de parentes e amigos (mais freqüentemente de jovens do sexo masculino entre 18 e 25 anos).

Ermínia Maricato, analisando dados referentes à violência especificamente em São Paulo, constata que nossa sociedade produz verdadeiras “bombas sócio-ecológicas”, ou regiões que reúnem os piores

indicadores sócio-econômicos e ambientais, resultado da desigualdade e da segregação espacial. Portanto, há uma relação entre o ambiente construído e a sociedade — discriminação social e segregação ambiental são termos indissociáveis.

Já para a professora universitária Silvia Cristina, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Guarulhos, o **rap** nada mais é do que a comprovação das carências e necessidades das comunidades pobres colocadas de forma agressiva pelos músicos. De acordo com o Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa, a região do Capão Redondo chegou ao número de 233 casos de homicídio somente no ano de 96; logo em seguida estava o Parque Santo Antônio com 186 casos. O fato observado por Silvia foi o de que os bairros citados são justamente os locais onde moram alguns dos integrantes dos **Racionais MC's**. Para ela, “a agressividade funciona como uma expressão de cólera simbólica”.

Em diversos raps do grupo, fica clara a situação de desconforto por parte não só deles, mas também dos demais moradores de periferia. “Eu me tornei suspeito profissional/Bacharel pós-graduado em tomar geral” e “Quem é preto como eu já tá ligado qual é/Nota fiscal, RG e policial no pé” são versos de “**Qual mentira vou acreditar**” (Mano Brown/Edy Rock) que resumem a vida cotidiana de quem, segundo eles próprios, sobrevive no inferno “contrariando as estatísticas”. Assunto, portanto, não falta. Variando de seis a onze minutos de duração, as letras podem perfeitamente serem vistas como reportagens. Mas com um detalhe: elas apenas “descrevem” as situações; as conclusões ficam por conta de cada um. E a

audiência, sempre fiel, respeita quase como uma oração⁵.

Radicais em determinados momentos, desprezam tudo que diz respeito ao “sistema” e, principalmente, a “toda-poderosa” mídia: “Como eu posso ir ao Gugu se no programa dele só mostra garotas peladas rebolando ou então explorando o bizarro? Ou então a Globo que colaborou com a ditadura militar e que faz com que o povo fique cada vez mais burro?” (...) foram palavras do **rapper** Edy Rock em entrevista ao **Jornal da Tarde** (1998). Não possuem empresário e, de posse do selo **Cosa Nostra**, dão oportunidade a novos grupos de passarem suas mensagens⁶.

Apesar de uma trajetória longa — com mais de dez anos de estrada —, somente com o mais recente trabalho **Sobrevivendo no Inferno**⁷, lançado no final de 1997, conseguiram chegar de vez à tão repudiada mídia. Recorde de venda com um trabalho independente e divulgado num dos mais antigos sistemas, o boca-a-boca, o CD conquistou em menos de seis meses a inédita marca de 500 mil cópias. Em relação aos outros trabalhos, as vendas ficaram em torno de 200 a 300 mil cópias. Mesmo assim, um número expressivo se levamos em conta o número desigual de alguns cantores e grupos de pagode, axé e outras cositas mas.

Não só a mídia, mas também pesquisadores, professores, sociólogos, voltaram seus olhos para este “fenômeno musical”. Conquistaram em 98 a mais aguardada premiação do Vídeo Music Brasil promovido pelo canal MTV: o de escolha da audiência



(a música era “**Diário de um Detento**”, que narra um dia antes, durante e após o massacre ocorrido na Casa de Detenção de São Paulo/Carandiru em outubro de 1992). Ou seja, o público havia escolhido pela primeira vez um grupo de rap como sendo o melhor daquele ano. Com isso, matérias não faltaram, elogiando aos quatro ventos o grupo, chegando em determinados momentos a comparar o vocalista a uma espécie de Antônio Conselheiro urbano: “Contundente e visionário como um Antônio Conselheiro dos negros e excluídos da periferia de São Paulo (...), Sobrevivendo no Inferno, título do trabalho, é uma espécie de saga de Canudos urbana (...)” foi o que declarou o jornal *A Folha de São Paulo*, em novembro de 97.

Em relação à atuação específica da polícia nas favelas e periferias, Mano Brown comentou que “a polícia é preconceituosa. Preto não pode ter as coisas, tem que ficar toda hora provando de onde veio, de onde comprou, mostrar notas fiscais... Caras da nossa cor, falando gíria em cima de um som discriminado como o rap, irrita porque eles não esperavam (...) Então para os caras isso é uma conspiração dos pobres, dos pretos, dos favelados”.

Em “**Mágico de Oz**” (letra de Edy Rock), a polícia se faz confundir com os próprios governantes que detém o poder, quando “Se diz que moleque de rua rouba/ O governo, a polícia no Brasil, quem não rouba?/ Ele só não tem diploma pra roubar/ Ele não se esconde atrás de uma farda suja (...)/ A polícia sempre dá o mau exemplo/ Lava minha rua de sangue”. Já em “**Diário de um Detento**” (Mano Brown/Jocenir), as acusações chegam a ser verbais: “O Robocop do

governo é frio, não sente pena/ Só ódio e ri como a hiena/ Ratatatá, Fleury e sua gangue/ Vão nadar numa piscina de sangue.”

Exageros ou não à parte, a verdade é que, com ou sem a badalação da mídia, não só o grupo, mas também o rap começou a abrir portas para o movimento propriamente dito (que engloba também o break e a arte plástica do grafite). Discussões foram colocadas, fazendo com que grupos de todo o país se unissem de maneira mais concreta. Nas regiões Norte e Nordeste, por exemplo, a **Aliança Rima de Cima** foi criada com os principais representantes do rap do Maranhão, Ceará, Piauí, Rondônia e Pará, partindo da concepção de um movimento engajado diretamente nas lutas sociais.

Na política, o mais novo partido político criado no Brasil, o Poma (Partido Poder para a Maioria), é formado por negros e conta com cerca de 6 mil membros-fundadores dentre os quais muitos artistas (inclusive rappers), jogadores de futebol, profissionais liberais, operários e simpatizantes entre os 13 estados da federação.

O Hip Hop define-se também como um movimento de conscientização política. Aí é que reside sua ligação com os partidos de esquerda, combatendo discriminações de quaisquer ordens e conservando sempre em evidência a luta contínua dos explorados. No entanto, fazem questão de não abrir mão de sua autonomia. Para os “cabeças” do movimento, apoiar partidos políticos não significa necessariamente atrelar-se a eles.

Até em discursos em Brasília, por exemplo, o grupo já teve a sua vez. O senador Eduardo Suplicy (PT-SP), ao discorrer contra a im-

punidade no caso do índio pataxó, incendiado em Brasília por alguns jovens de classe média, chegou a ler a letra de “**O homem na estrada**” (Mano Brown, CD **Raio-X Brasil**, 1993) na tribuna. Segundo o senador, “para entender o que está acontecendo com aquelas pessoas marginalizadas, é necessário ouvir os **Racionais MC’s**”.

Descendo um pouco mais para outras regiões do país, já se tornaram conhecidos os grupos **Pavilhão 9** (SP), **Câmbio Negro e Gog** (Brasília), **Nocaute** (Baixada Fluminense - RJ), além da última grande revelação da cena: o rapper carioca **MV Bill**, direto da CDD (Cidade de Deus). Todos abordam questões relativas ao consumo de drogas, violência e periferia. Mencionando os seus próprios modos de visão, esses grupos reproduzem a realidade específica de um segmento social, trazendo à tona tanto para a população pobre quanto para a classe média uma visão de mundo de um grupo que ela própria renega e marginaliza.

Os **Racionais MC’s**, mantendo fiel o discurso panfletário, atualmente são tidos como referência no atual contexto da música brasileira. Utilizando-se de uma estética inovadora dentre os já conhecidos e aclamados movimentos musicais de vanguarda, com suas respectivas músicas de protesto, este movimento de nome Hip Hop que traz o rap como a trilha sonora do gueto, desta vez chega para mostrar que a periferia não é – e não pode ser – apenas associada à violência, pobreza e morte. A periferia é também um local onde a arte encontra seu espaço e, sobretudo, sua representatividade.

O movimento Hip Hop merece, sim, uma atenção mais apurada por tornar-se uma contribuição

para o futuro da música popular – preta, por que não? – brasileira. Assim como mencionou a revista “Caros Amigos”, o Hip Hop mostra, enfim, seu “magnífico rosto novo” e, com certeza, confirma que veio para ficar. Os **Racionais MC’s** estão trilhando esse caminho e a revolução está aí: com agressividade, denúncia, veracidade e muito mais ainda por vir. Tá ligado?

NOTAS

1. **Hip Hop** – termo estabelecido por volta de 1968 pelo DJ jamaicano Afrika Bambaataa inspirado em duas movimentações cíclicas: 1) na forma pela qual se transmitia a cultura dos guetos norte-americanos; 2) na forma de dançar mais popular da época, ou seja, saltar (hop) movimentando os quadris (hip). Juntos, rap, break e grafite formam a trilogia do movimento.
2. Na gíria, “quebrada” significa bairro.
3. Denominou-se **Black Panthers** (Panteras Negras) o principal grupo que, na década de 70, atuava em defesa dos negros americanos. Dentre alguns militantes, está a ativista americana Angela Davis, atualmente professora do Departamento de Filosofia da Universidade da Califórnia (UCLA).
4. **Rap** – Significa, literalmente as iniciais de **rythm and poetry** (ritmo e poesia, em inglês) e remonta à Jamaica, mais ou menos por volta dos anos 60, quando surgiram os **sound systems** (sistemas de som) colocados nas ruas dos guetos jamaicanos para animar os bailes. Esses sistemas serviram de fundo para o discurso dos **toasters**, autênticos mestres de cerimônia que co-

mentavam, nas suas intervenções, assuntos como a violência das favelas de Kingston e a situação política da ilha. **Break** – dança inventada como forma de resolver as diferenças entre as gangues do bairro do Bronx (NY). Eles as resolviam por meio de competições de dança. Para alguns, surgiu no período pós-guerra do Vietnã; as mutilações eram “denunciadas” com a dança, que também imitava os helicópteros utilizados na guerra. No Ceará, além do **break**, existe a chamada “smurf dance” em alusão ao uso dos gorros, marca dos membros neste período, e também uma das características dos personagens do desenho animado **Os Smurfs**, veiculado na mesma época.

5. Tive a oportunidade de assistir um show do grupo em Fortaleza, em agosto de 99. Com olhar de mera pesquisadora, vi todos os detalhes, não só do show, mas também do público presente, que não era pouco. Foi realmente impressionante olhar aquela multidão acompanhar todas as músicas sem exceção e, entre uma e outra, calarem-se por completo para ouvir um homem (no caso, Mano Brown) proferir palavras de otimismo e, principalmente, de fé.
6. **Apocalipse 16 e RZO** (estilo gospel) são alguns dos grupos pertencentes ao selo **Cosa Nostra Fonográfica**.
7. Os outros discos do grupo são **Holocausto Urbano** (1990), **Escolha seu Caminho** (1992), **Raio-X Brasil** (1993) e a coletânea **Racionais MC’s** (1994).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHAUÍ, Marilena. **Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas**. São Paulo: Cortez, 1993.
- COHN, Gabriel (org.). **Comunicação e indústria cultural**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1987.
- DIÓGENES, Glória. **Cartografias da cultura e da violência: gangues, galerias e o movimento hip hop**. São Paulo: Annablume, 1998.
- KOWARICK, L & ANT, C. **Violência: reflexões sobre a banalidade do cotidiano em São Paulo**. In: BOSCHI, R.R. (org.). **Violência e Cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- MARICATO, Ermínia. **Metrópole na periferia do capitalismo: ilegalidade, desigualdade e violência**. São Paulo: HUCITEC, 1996.
- OLIVEIRA, Sílvia Cristina de. Para uma análise sociosemiótica do discurso presente no texto da música rap. **Raça Brasil**, São Paulo, maio/2000.
- OLIVEN, Ruben George. **Violência e cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, 1982.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

- Revista **Caros Amigos Especial Movimento Hip Hop** (set/98)
- Revista **Raça Brasil** (mar/98)
- Revista **Raça Brasil** (mai/2000)
- Revista **Veja** (28/jan/98)